

## A LUTA DE BACO E PÃ PELA OCUPAÇÃO DA MADEIRA: TRADIÇÃO ÉPICA NA *ZARGUEIDA* DE MEDINA E VASCONCELOS, ENTRE A HISTÓRIA E O MITO

RUI CARLOS FONSECA

Universidade da Madeira

Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa

### Resumo

Neste artigo, pretendo explorar a tradição épica na *Zargueida* de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, que celebra o descobrimento da Madeira. Sob a autoridade do Infante D. Henrique, João Gonçalves Zarco chega à ilha desconhecida, tornando-se o seu cultor e povoador. A acção da *Zargueida* alterna entre o plano histórico (os preparativos da viagem marítima e a chegada à Madeira) e o maravilhoso pagão (as acções dos deuses a favor e contra a missão portuguesa). O ilustre navegador, apoiado pelo Infante e pelo rei D. João I, conta também com o favor de Júpiter, Baco e das divindades marinhas, mas encontra a oposição de Pã e dos monstros infernais. A vitória de Baco (o deus das vinhas) sobre Pã (o deus dos bosques e da terra inculta) representa o processo de aculturação do novo espaço insular português.

*Palavras-chave:* *Zargueida*, tradição épica, descobrimento, Ilha da Madeira, Baco, Pã.

### THE STRUGGLE OF BACCHUS AND PAN FOR THE OCCUPATION OF MADEIRA: EPIC TRADITION IN MEDINA E VASCONCELOS'S *ZARGUEIDA*, BETWEEN HISTORY AND MYTH

### Abstract

In this article, I explore the epic tradition in Francisco de Paula Medina e Vasconcelos's *Zargueida*, which celebrates the discovery of Madeira. Acting under the authority of Prince Henry the Navigator, João Gonçalves Zarco reaches the unknown island and becomes its cultivator and settler. The narrative of *Zargueida* alternates between the historical plane—depicting the preparations for the sea voyage and the arrival in Madeira—and the pagan supernatural—represented by the interventions of

gods both supporting and opposing the Portuguese mission. The famous navigator, backed by Prince Henry and King John I, also enjoys the favor of Jupiter, Bacchus and the marine deities, but faces the opposition of Pan and infernal monsters. The victory of Bacchus (the god of the vine) over Pan (the god of forests and uncultivated lands) represents the process of acculturation of the new Portuguese island.

*Keywords:* Zargueida, Epic Tradition, Discovery, Madeira Island, Bacchus, Pan.

## 1. INTRODUÇÃO

O género da épica tem uma vinculação por demais significativa com a realidade histórica. Mais do que apresentar figuras e acontecimentos de relevo pertencentes ao passado de um povo, num registo historiográfico ou cronístico, a epopeia assume-se como meio privilegiado de construção e valorização da identidade colectiva. Na literatura épica portuguesa, são copiosos os exemplos de poemas épicos que se baseiam em momentos de especial importância da História de Portugal. Refiram-se alguns casos paradigmáticos: *Afonso Africano* (1611), de Vasco Mouzinho de Quebedo, engrandece as conquistas do rei D. Afonso V no Norte de África; *Viriato Trágico* (1699), de Brás Garcia de Mascarenhas, recua a um tempo anterior à formação de Portugal para celebrar a resistência de Viriato e dos lusitanos à romanização da Ibéria; *Lisboa Reedificada* (1780), de Miguel Maurício Ramalho, desenvolve-se em torno da reconstrução de Lisboa após o grande terramoto de 1755. O exemplo mais notável desta relação próxima entre a épica portuguesa e a história nacional é o poema de Luís Vaz de Camões, de 1572, *Os Lusíadas*, que celebra a chegada dos portugueses à Índia –tema recuperado por José Agostinho de Macedo em *O Oriente* (1814)–.

Entre os acontecimentos do passado nacional que foram imortalizados na poesia épica, constituídos, desse modo, como pilares da identidade colectiva que sustentam e preservam a memória da glória pátria, conta-se também o descobrimento da ilha da Madeira pelos portugueses, nos alvares da expansão ultramarina. Na origem deste marco incontornável da História de Portugal –a Era dos Descobrimentos– estão acontecimentos como a conquista de Ceuta (1415) e as descobertas das ilhas atlânticas de Porto Santo (1418) e Madeira (1419). A par da sua

importância na História do país, como força propulsora das conquistas ultramarinas<sup>1</sup>, o descobrimento da Madeira recebeu também contornos literários, tendo sido celebrado em dois poemas épicos portugueses: um do século XVII, a *Insulana* de Manuel Tomás, o outro do século XIX, a *Zargueida* de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos. Ambos os poemas épicos contribuem para a formação de uma identidade nacional a partir de uma perspectiva regional<sup>2</sup>. O presente estudo incidirá no segundo poema mencionado, em particular no modo como a componente histórica (a viagem de descoberta dos navegadores portugueses e o processo de aculturação da nova terra) se articula com a componente mítica (a oposição entre Baco e Pã pelo domínio da ilha).

## 2. FRANCISCO DE PAULA MEDINA E VASCONCELOS

Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, nascido na Madeira, em 1768, foi um poeta prolixo. Viveu o período conturbado da transição de regime em Portugal, marcado pela crise do poder absolutista e pela afirmação do liberalismo. A família Medina e Vasconcelos pertencia à Maçonaria e defendia os princípios constitucionais, contando-se, por isso, muitos dos seus membros no rol de personalidades perseguidas pela Inquisição durante os séculos XVIII e XIX, na Madeira. Francisco de Paula foi estudar, aos 20 anos, para a Universidade de Coimbra. No tempo da juventude, no continente, levava uma vida de boémia, excessos e desacatos. Acabou expulso da universidade, ficou preso durante cerca de um ano e meio por um crime que não se conhece, mas que o próprio

---

<sup>1</sup> Carita (1989: 33): «Da Madeira sai apoio à consolidação das praças do Norte de África, ao povoamento do Brasil, às explorações e conquistas do Oriente, acabando por funcionar como a verdadeira “*ponta de lança*” dos descobrimentos portugueses». No mesmo sentido, afirma Riley (1998: 146) que o primeiro movimento colonizador da Madeira «constitui a alvorada do mundo atlântico». Sobre o povoamento da Madeira no contexto dos Descobrimentos Portugueses e da expansão europeia, Carita (2016: 61-68).

<sup>2</sup> Como nota Correia (2008: 118), a Madeira entra para a história literária portuguesa, nacional e regional, a partir das intrigas romanescas e históricas do seu descobrimento e da descrição paradisíaca da paisagem natural da ilha. Segundo o mesmo estudioso, tanto a *Insulana* como a *Zargueida* servem «muito bem as etapas de uma procura de identidade numa parcela do território português como é a região madeirense» (Correia, 2008: 137). No âmbito da história das ilhas, do mundo atlântico e da expansão europeia, sobre o contributo da Madeira para a globalização a partir do século XV e a procura de uma definição de aldeia global, Vieira (2020).

sempre negou ter cometido. Voltou depois para a Madeira e, ao longo da vida, fez viagens ao continente. A família, caída em desgraça devido, provavelmente, às condições políticas da época, encontrava-se em sérias dificuldades financeiras. Francisco de Paula exerceu funções de notário público, professor primário, professor de gramática portuguesa e redactor-correspondente de um periódico, dedicando-se sempre à actividade poética. Ao longo dos anos, ainda que a muito custo e de forma não sistemática, pôde contar com a generosidade de patronos para publicar as suas obras e sustentar a família e os muitos filhos que lhe nasceram dos dois casamentos. Com o regime absolutista reposto na Madeira e a proibição, em 1823, de todas as sociedades secretas por ordem de D. João VI, Francisco de Paula, que tinha nesta altura mais de 50 anos de idade, foi condenado à prisão e ao degredo para África. Morreu pouco tempo depois em Cabo Verde, no ano de 1824<sup>3</sup>.

A obra lírica de Francisco de Paula é extensa, incluindo uma diversidade de composições, entre elegias, éclogas, odes, sonetos, idílios e epístolas<sup>4</sup>. *Ecloga piscatoria. Filleno desenganado*, de 1787, parece ter sido a sua primeira obra publicada. Nos anos 90 do século XVIII, são publicados volumes das suas *Poesias Líricas*. Escreveu também três poemas épicos: *Zargueida* (1806), sobre o descobrimento da ilha da Madeira pelos portugueses; *Georgeida* (1819), sobre o período das revoluções francesas, celebrando a figura do rei britânico Jorge III; e *Nova Lusíada*, poema começado na prisão, constituindo-se como elogio ao rei D. João VI e forma de defesa, e terminado já no degredo, mesmo não tendo conseguido o perdão régio (o manuscrito manteve-se inédito).

---

<sup>3</sup> Para um estudo minucioso da vida de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, amplamente fundamentado em arquivos históricos, registos notariais, fontes jornalísticas e genealógicas, Caldas (2021). Também, Silva (1859: 24-26), Silva e Meneses (1998: II, 350-351) e Saraiva (2006).

<sup>4</sup> Silva (1859: 25): «Este poeta gosou em vida de bastante celebridade; hoje está o seu nome quasi de todo esquecido, talvez com pouca razão». Silva e Meneses (1998: II, 350): «O conhecido autor da *Zargueida*, que no seu tempo gozou de grande nomeada como poeta».

### 3. A *ZARGUEIDA* E A TRADIÇÃO ÉPICA

No *Elucidário Madeirense* (Silva e Meneses, 1998: II, 351), afirma-se que: «Das composições de Medina e Vasconcelos, foi a *Zargueida* a que lhe deu maior renome e ainda hoje é de todas a mais conhecida». Foi D. José Manuel da Câmara, governador e capitão-general da Madeira, quem sugeriu a Francisco de Paula «a elaboração de uma obra épica em homenagem à Madeira» (Caldas, 2021: 63). A sugestão foi feita em 1802, por altura do nascimento da primeira filha do poeta, Maria Constança, de quem o governador era padrinho. Lê-se no prólogo:

Animado, e sugerido pelo Espírito Enérgico, e Patriótico do Ex.<sup>mo</sup> D. José Manuel da Câmara, em 1802. Governador, e Capitão General da Ilha da Madeira, minha Pátria, entrei nesta Grande Empresa mais, para lhe dar satisfação, e prazer, do que por fiar de minhas forças tão difícil desempenho<sup>5</sup>.

Tal como *Os Lusíadas*, a *Zargueida* está estruturada em dez cantos, compostos em estrofes de oito versos. A obra mereceu rasgados elogios da parte de Bocage, que Francisco de Paula conhecera em Lisboa e de quem havia sido companheiro de boémia<sup>6</sup>.

A *Zargueida* inscreve-se na tradição épica, imitando quer os clássicos greco-latinos quer o modelo camonianiano. Os nomes de Camões e Homero ocupam posições de destaque na moldura literária da *Zargueida*: Camões abre o poema, Homero encerra-o. Ao pedir inspiração divina, invocando a singela cândida Verdade, o poeta faz-se um novo Camões para levar a cabo a empresa de eternizar um novo Gama:

Pelas mimosas mãos da Singeleza,  
Cingida a testa de apolínea rama,  
Bem, qual outro Camões, entro na empresa  
De em metro eternizar Primeiro Gama (I, 2, 1-4).

---

<sup>5</sup> Vasconcelos (1806: XI). Para as citações da *Zargueida*, sigo a edição disponível na Biblioteca Nacional Digital (Vasconcelos, 1806), com actualização da ortografia.

<sup>6</sup> Bocage morre em 1805, e a *Zargueida* é publicada em 1806. Francisco de Paula dera o poema a Bocage para ler e corrigir (Caldas, 2021: 76). Entre o prólogo e o poema épico, é reproduzido o soneto de Francisco de Paula a Bocage («Vate sem par», «Grande Bocage»), bem como o soneto deste último em resposta ao poeta madeirense.

Dá-me do Grão Camões a majestade;  
 Se me tiras do lânguido letargo  
 Serei Novo Camões, meu Gama o Zargo (I, 3, 6-8)<sup>7</sup>.

No fim do poema, em versos que denotam ecos camonianos, o poeta torna manifestas as suas esperanças de partilhar do mesmo prestígio de Homero, o «Esmírnio Vate»:

É então, é então, Deusa, que espero  
 Embocar o clarim do Grande Homero (X, 69, 7-8).  
 Do Esmírnio Vate no clarim facundo  
 Cantando, espalharei por todo o mundo (X, 70, 7-8).

O herói da *Zargueida*, aquele de cujo nome se cunha o título deste poema, é o navegador João Gonçalves Zarco, glória dos Lusitanos e capitão preclaro, responsável pelo descobrimento da Madeira, que é o assunto deste poema<sup>8</sup>:

Ajuda-me a dizer como a Madeira  
 Se descobriu aos olhos dos mundanos,  
 Para ser dentre as ilhas a primeira,  
 Que desse maior glória aos lusitanos:  
 Sim, recita-me a história verdadeira  
 Dos valorosos feitos mais que humanos  
 Daquele ínclito herói d'alta grandeza  
 No valor, nas acções, na fortaleza (I, 5).

A chegada dos portugueses à Madeira vem anunciada no Canto I. É por desígnio de Júpiter que a ilha «em grossos nevoeiros escondida» (I, 19, 1) deve pertencer ao ceptro luso e ser descoberta pelo ilustre Zarco, o

---

<sup>7</sup> Saraiva (2006) refere-se à *Zargueida* como «um eco tardio de Camões» e «*Os Lusíadas* da ilha da Madeira».

<sup>8</sup> Leia-se a introdução laudatória que é feita de Zarco em Silva e Meneses (1998: III, 431): «Foi João Gonçalves Zarco figura homérica no início dos nossos empreendimentos e derrotas marítimas, tendo capitaneado o mais importante descobrimento que os marinheiros portugueses realizaram no primeiro quartel do século de quatrocentos, sob a fecunda e gloriosa acção do Grande Infante. O descobrimento da Madeira é o grande padrão imorredouro, que verdadeiramente marca o começo auspicioso da nossa odisseia de navegantes.» Para a discussão em torno do apelido, Zarco ou Zargo, Silva e Meneses (1998: III, 431-433) e Saraiva (2006).

que acontece no final do poema. Zarco tem um sonho em que se vê a descobrir uma «grande ilha», «gentil e pura / Coberta de frondosa vestidura» (II, 91, 7-8). João de Morales, o piloto castelhano, conta-lhe também a história de amor infeliz de Roberto Machim e Ana de Arfet –os dois amantes que perderam a vida numa terra desabitada: o cavaleiro e a dama da alta nobreza fogem de Inglaterra e, empurrados por uma tempestade, chegam à Madeira onde acabam por morrer pouco tempo depois<sup>9</sup>. É o túmulo deste casal inglês que os portugueses encontram no Canto X e junto ao qual prestam culto. O sonho de Zarco e o relato de Morales, ambos promovidos pela acção do deus Baco, impulsionam a demanda da ilha desconhecida, uma importante adição para o reino português. Nesse sentido, o navegador desembarca em Lagos para se encontrar com o Infante D. Henrique, que o manda realizar a viagem de descoberta.

O sábio Infante desempenhou um papel crucial no começo dos Descobrimentos, tendo monitorizado de perto os trabalhos de técnicos que ele próprio reunira, entre os quais cartógrafos, astrólogos e construtores de instrumentos náuticos (Matos, 1998: 74-75). Esse seu engenho perspicaz e capacidade organizativa no domínio das produções

---

<sup>9</sup> A tragédia amorosa de Machim e Ana de Arfet, relatada no Canto II da *Zargueida*, constitui a componente lendária deste poema. O mesmo episódio (com longa tradição na literatura, portuguesa e estrangeira) já havia sido contado por Manuel Tomás, no Canto II da *Insulana*. Sobre a presença da lenda de Machim e Ana de Arfet na tradição narrativa, Livramento (2011), sobretudo as págs. 112-133 (sobre o tratamento da lenda na *Insulana*) e 152-161 (sobre o tratamento da lenda na *Zargueida*). Leia-se a síntese seguinte: «Ora, pelo narrado e como já se disse, facilmente percebemos que Medina e Vasconcelos segue, de perto, a versão do episódio que também foi adoptada por Manuel Tomás ou Gaspar Frutuoso. Temos, pois, o casal de namorados, que vendo o seu amor contrariado pelos pais da donzela, fogem de barco, com o intento de alcançarem as costas de França. Contudo, levados por uma tempestade, acabam por desembarcar numa ilha desconhecida, a Ilha da Madeira, onde morrem, prosseguindo viagem os seus companheiros, acabando cativos dos Mouros. Aí contam a aventura a um piloto espanhol, João de Morales, que, por sua vez, a vai contar a Zarco. E assim se interliga na *Zargueida* o, para muitos lendário, episódio de Machim com o descobrimento oficial da Ilha da Madeira por João Gonçalves Zarco» (Livramento, 2011: 161). Escreve também Alves (2020: 162) sobre esta lenda: «Porque representação de um *locus amoenus*, muitos autores permitem-se recuar aos velhos mitos onde florescem jardins: esta é uma Ilha Afortunada, uma Ilha dos Amores, um Éden onde nem falta um adão e uma eva [os ingleses Robert Machim e Ana d'Arfet] que, em nome de um amor impossível, fizeram da ilha um lugar de salvação –a baía recolhe e abraça os corpos cansados dos amantes– mas também um sacrário, que lhes guarda a sepultura assinalada com uma cruz».

tecnológicas estimularam as ciências da época e contribuíram para a conquista dos mares. Francisco de Paula Medina e Vasconcelos destaca na figura literária do Infante o cultivo da «ciência rara», os «descobrimientos singulares» e «empresas mil conquistadoras» que têm beneficiado a nação lusa<sup>10</sup>. Lê-se no Canto II, quando a embarcação de Zarco percorre a costa algarvia:

Salta ao convés o Capitão contente,  
 E conhecendo bem do Algarve a costa,  
 É Terra, (disse) é Terra certamente  
 Aquela sombra, que no mar se encosta:  
 O promontório é de S. Vicente,  
 Onde a Vila de Sagres está posta,  
 Vila, que o Grande Henrique edificara  
 Para ali cultivar ciência rara.

É dali, que lançando sobre os mares  
 Suas vistas, subtis, pesquisadoras,  
 Tenta descobrimientos singulares,  
 E tenta empresas mil conquistadoras:  
 É dali que entre estudos exemplares  
 De sublimes ideias brilhadoras  
 Tem dado à Nação Lusa tanta ideia,  
 Que por ela já mares senhoreia (II, 2-3).

---

<sup>10</sup> Ferro (2011) analisa a representação do Infante D. Henrique e a configuração do mito henriquino na literatura épica portuguesa. Nas epopeias barrocas e neoclássicas, o Infante conta-se entre os grandes heróis da Nação portuguesa. O processo de mitificação inclui o seu valor guerreiro, o contributo imprescindível nas navegações dos Descobrimientos, o papel que teve no desenvolvimento das ciências. Na *Zargueida*, o retrato laudatório do Infante está patente, por exemplo, nos epítetos que lhe são atribuídos, como «sábio», «douto», «excelso», «celebrado», «santo», «augusto», «forte», «grande» e ainda «Santo Herói Famoso» (I, 10), «Constante, Sábio, Justo, e Virtuoso» (I, 10), «Ínclito Infante Estudioso» (IV, 8), «Matemático Famoso» (IV, 8), «O Grande Henrique, o Infante Virtuoso, / Que se tem feito em tudo memorando» (X, 57), «Pela sua imortal sabedoria, / Que parece exceder a força humana, / Se tem feito imortal» (IV, 6). Do ponto de vista histórico, o Infante D. Henrique é considerado «uma grande figura da história universal» e «obreiro dos Descobrimientos» (Serrão, 1980: 131). Sobre a associação entre o Infante e a ilha da Madeira, da viagem de reconhecimento ao subsequente povoamento e comércio, Vieira (1994).

Os Descobrimentos Portugueses correspondem a uma época de progressos científicos e tecnológicos a vários níveis. Nos inícios do século XV, o desenvolvimento de instrumentos náuticos e o aperfeiçoamento contínuo das embarcações e da arte de navegar contribuíram de forma decisiva para a expansão portuguesa através do Mediterrâneo, costa ocidental africana e espaço atlântico. Como escreve Matos (1998: 74): «o período que vai de 1419 a 1436 é verdadeiramente um período de aprendizagem e de escola, onde se conjugaram diversos aspectos concorrentes para o desenvolvimento da técnica que mais tarde viria a ser uma efectiva ciência náutica».

Investido da autoridade do Infante, Zarco dirige-se a Ulisseia para aí fazer os preparativos para tão alta empresa. É da capital do reino, sob as preces auspiciosas da Cidade e do Tejo, que a viagem tem início (Canto VII). Após uma breve paragem em Porto Santo, Zarco decide enfrentar a névoa escura, atravessa «As negras sombras do infernal negrume» (IX, 14, 4) e descobre a nova terra, no Canto IX, à qual por ser tão florescente dá o nome de Madeira<sup>11</sup>:

À grande ilha, que vemos florescente,  
Desde já fique o nome de Madeira,  
Porque a terra, que entre árvores se some,  
Madeira deve enfim só ter por nome (IX, 17, 5-8).

Zarco começa por ser apresentado no Canto I como herói de grande valor, honra e célebre ascendência; participou no cerco de Tânger, lutou contra os Mouros ao lado do Infante D. Henrique por quem foi ordenado cavaleiro. É, portanto, varão sublime, cuja fama, assente em «inauditas célebres façanhas» e «outras imortais heroicidades», se acha inscrita na História lusa (I, 46-48). Os vários epítetos que lhe vão sendo atribuídos ao longo do poema são sinais manifestos dessa sua glória consumada, como: «ilustre Zargo», «invicto», «esclarecido», «destemido», «imortal», «valoroso», «nobre», «animoso», «grande Zargo», «magnânimo

---

<sup>11</sup> Alves (2020: 162): «A mi(s)tificação da Ilha da Madeira contribui para a imagem de um lugar perfeito que os deuses (ou Deus) embrulharam num nevoeiro espesso que se avista ao longe, um negrume que esconde um lugar maravilhoso a que só os heróis e os eleitos têm acesso».

guerreiro», «luso herói», «forte Capitão», «Capitão famoso», e outros epítetos do género<sup>12</sup>.

A viagem de descoberta que obriga a enfrentar o desconhecido é um feito de grande risco e mérito. O código heróico da épica homérica entreve-se em versos da *Zargueida*, quando se preconiza um nexo causal entre o esforço humano e a glória imortal. A personificação da cidade de Ulisseia declara que «honras lustrosas / Não se alcançam sem áspera fadiga» (VII, 27, 1-2); os Lusitanos que se despedem dos navegadores reconhecem que «Às cegas navegar entre incertezas, / Trilhando salsa via não sabida, / Chamam-lhe ingente glória soberana» (VII, 31, 5-7); e Zarco, exortando os marinheiros a enfrentarem o nevoeiro, afirma que arrisca a vida pela pátria (IX, 9) e que «Um grande coração não teme a morte» (IX, 11, 4).

Na chegada à nova ilha, Zarco recebe uma visita divina. Baco aparece-lhe sobre uma nuvem dourada para o avisar do perigo do deus Pã e revelar as culturas futuras que irão prosperar naquela fértil terra (IX, 18-24), em particular a cultura da vinha<sup>13</sup>. Na verdade, a viagem de descoberta desenrola-se numa estrutura alternada entre as acções dos homens e dos deuses, ou seja, entre o plano histórico (a viagem dos portugueses à Madeira) e o plano mitológico (que inclui os vários concílios divinos e a luta entre Baco e Pã). No Canto I, Baco é nomeado divindade tutelar da Madeira, mas fica a saber mais tarde, no Canto III, que Pã habita os bosques frondosos da ilha, juntamente com os Sátiros e outras divindades silvestres. Em «ira ardendo» e «por fúrias assanhado», o filho de Júpiter decide opor-se a Pã pela ocupação daquela terra destinada a ser morada dos portugueses.

---

<sup>12</sup> Além dos epítetos e das formas de tratamento que exaltam as suas qualidades na guerra e nobreza de espírito, de que é apresentada acima uma amostra não exaustiva, Zarco é também invocado pela empresa de grande valor para a pátria de ter descoberto a nova terra: «Grão Descobridor da Grã Madeira» (VI, 4) e «Descobridor preclaro» (X, 67).

<sup>13</sup> Baco/Dioniso é o deus, por excelência, das epifanias; dentre as divindades gregas, é o mais propenso a manifestar-se entre humanos (Seaford, 2006: 39). Na *Zargueida*, a nuvem dourada sobre a qual Baco se mostra a Zarco contrasta claramente com a nuvem negra que o navegador teve de enfrentar para descobrir a ilha. Esta epifania do deus funciona como recompensa pelo feito alcançado, mas também como aviso contra o perigo de Pã.

#### 4. BACO, PÃ E A ILHA DA MADEIRA

Baco, ou Dioniso na tradição grega, tem ligações ao Oriente. É cultuado não apenas na Grécia (o seu país de origem), mas também na Ásia (onde foi criado pelas Ninfas) e na Índia (que conquistou por via da guerra)<sup>14</sup>. Na *Zargueida*, o deus das vinhas pede o domínio da Madeira, prometendo dissipar a densa névoa que a envolve e torná-la célebre entre «as nações todas europeias». Sendo uma ilha bela e fértil, mas inculta, Baco introduz nela a produção do vinho, em cópia imensa e sabor inigualável, apreciado até pelos povos mais brutos e pelos próprios deuses, que, provando este fino licor, garante Baco, haverão de desprezar a balsâmica ambrósia (I, 25-32). O famoso vinho da Madeira encontra a sua origem mítica na acção da sua tutelar deidade<sup>15</sup>. É Baco quem faz germinar tanto os trabalhos agrícolas como a civilização humana na ilha.

A associação de Baco à ilha da Madeira faz-se desde cedo no poema. Divindade e local estão ligados à natureza verdejante e frondífera. A primeira referência a Baco é feita na estância 24 do Canto I, no concílio dos deuses, imediatamente após a fala de Júpiter sobre o futuro glorioso dos portugueses e a descoberta da Madeira pelo ilustre Zarco. Baco é aí designado pela primeira vez como «tirsígero deus», ou seja, o deus que brande o tirso. É este um dos atributos principais da divindade: o caule de uma planta –um bastão– enrolado com heras e pâmpanos. A primeira imagem que o poeta mostra de Baco tem semelhanças manifestas com a descrição que Baco faz da ilha:

---

<sup>14</sup> Grimal (1992: 121-122). A guerra de Dioniso no Oriente, em particular na Índia, vem celebrada nas *Dionisíacas* de Nono de Panópolis, ocupando uma parte considerável no centro do poema. Vários autores da Antiguidade contam as origens de Dioniso, o seu nascimento e a sua criação pelas Ninfas em Nisa, na Ásia: *e. g.*, Hesíodo, *Th.* 940-942; *Hino Homérico a Dioniso* 26; Apolodoro, *Bibliotheca*, 3.4.3; Diodoro Sículo, 4.2; Filóstrato de Lemnos, *Im.* 1.14; Ovídio, *Met.* 3.259-315. Apolodoro escreve que Dioniso foi o descobridor da vinha (3.5.1: Διόνυσος δὲ εὐρετὴς ἀμπέλου γενόμενος); Diodoro Sículo, que foi o inventor do vinho e que ensinou aos homens o cultivo da vinha (4.2.5: φασὶν εὐρετὴν τε τοῦ οἴνου γενέσθαι καὶ τὴν φυτεῖαν διδάξαι τῆς ἀμπέλου τοὺς ἀνθρώπους).

<sup>15</sup> Sobre a cultura da vinha na Madeira, *e. g.* Carita (1989: 108-109), Silva (1995: 110-111), Vieira (2003).

Dentre a dos numes divinal coorte,  
 O tirsígero deus, a fronte alçando,  
 Coroada de pâmpanos virentes,  
 Estas vozes soltou dulcicadentes (I, 24, 5-8).

Farei, que dissipada a névoa densa,  
 Em que sempre téqui jazeu confusa,  
 A todas as nações mostre viçosa  
 A verdejante frente pampinosa (I, 28, 5-8).

A afinidade natural entre Baco e a ilha da Madeira vem ainda reforçada no primeiro canto do poema pela designação do deus como «númen pampinoso» (I, 70, 2), quando este se encontra no palácio de Neptuno, e pela descrição do vinho da Madeira como «O mais fino licor, que a Natureza / Extrair pode de pampíneas vides» (I, 31, 3-4). Baco é o deus do êxtase, e é para esse estado ébrio que aponta o seu epíteto tradicional Lieu, literalmente o 'libertador', aquele que arrebatou ou desprende o espírito<sup>16</sup>. Lieu é uma das designações mais correntes de Baco na *Zargueida*<sup>17</sup>.

Baco é uma divindade ubíqua. No Canto I, começa por aparecer no alto Olimpo, desce depois até junto dos homens na nau de Zarco e visita ainda o palácio aquático de Neptuno. No Canto V, chega à ilha da

---

<sup>16</sup> Sobre a simbologia do vinho na sua associação com Dioniso e a natureza, escreve Seaford (2006: 22): «Wine [...] does embody –in nature and not merely in ritual– the transformation or liberation of the psyche. The wine that the god makes flow miraculously is an extreme expression of its belonging to nature». Neste sentido, Dioniso é responsável por civilizar a prática de beber vinho, operando uma síntese entre cultura e natureza, entre actividade humana e espaço natural (Seaford, 2006: 24-25). Esta função civilizadora de Dioniso/Baco está em conformidade com o propósito de Medina e Vasconcelos em contar os primórdios de uma sociedade humana, que se instala numa terra primitiva, aproveitando e potenciando os seus recursos naturais. Sobre a ligação de Dioniso à ideia de comunidade, a vinculação à *polis* enquanto um todo e o papel do vinho para criar integração social, Seaford (2006: 26-38).

<sup>17</sup> Baco é também designado na *Zargueida*, pela sua ascendência, como filho de Júpiter e Sêmele ou Tione («o filho de Sêmele», «o sacro filho de Sêmele, e Jove», «o nome astuto filho de Jove», «filho do supremo Jove», «Tioneu») e pela associação às cidades de Tebas e Nisa («deus de Nisa» e «deus tebano»). Às designações tradicionais, que apontam para as origens míticas do deus, acresce a identificação de Baco como divindade tutelar da Madeira: «Desta grande ilha a tutelar deidade» (V, 13), «númen do Funchal» (VII, 7), «tutelar deidade da fértil ilha» (IX, 20), «da grande ilha sacra divindade» (X, 36).

Madeira para o primeiro confronto com o deus Pã. No Canto VII, parte do Olimpo para o Jardim das Hespérides, onde floresce a melhor videira e a mais selecta que existe em todo o mundo (est. 22). É deste jardim, localizado no extremo Ocidente, que Baco rouba uns troncos de videira e planta na ilha (VIII, 68). O vinho da Madeira, hoje sobejamente famoso, tem aqui a sua génese, a partir da transplantação de «cepas frondíferas» da morada imortal das Ninfas do entardecer.

Repleta de belezas naturais –«frutos agrestes», «fontes frias», «clima puro, ameno e temperado», «incultas serranias cobertas de arvoredado apinhado» (II, 34)–, a ilha da Madeira é, antes da chegada dos povoadores portugueses, morada de divindades bravias. Pã é o deus dos bosques, habitante da natureza primitiva, no seu estado indómito. Foi a ele que, por graça de Júpiter, coube «o dilatado império das montanhas» (VIII, 3, 1-2). A sua figura híbrida, entre o humano e o animal, com testa bicórnea, pernas de bode e pés de casco, liga-o ao mundo selvagem. Também o seu comportamento lascivo, sempre em perseguição das Ninfas, evidencia o seu carácter animalesco, que não conhece as normas que regulam a sociedade humana<sup>18</sup>.

No concílio dos deuses marinhos (III, 37-47), Proteu lembra que Pã fora expulso do Oriente por Baco e que contra ele conserva «ódios insanos». Forçado a abandonar as índicas florestas, Pã habita agora os verdes bosques da nova terra que os portugueses irão descobrir: vive numa gruta com os corníferos Sátiros, no meio de um bosque coberto por arvoredos silvestres; vai trepando e descendo os montes; corre por entre o emaranhado da floresta na companhia dos Faunos para surpreenderem as Dríades lascivas. Proteu avisa que Pã tem sempre os olhos fitos no mar, com a preocupação constante de que lhe roubem a terra, e, por isso, negará a Baco o domínio da ilha.

São estas duas forças divinas que se confrontam na *Zargueida*: Baco, o deus da terra cultivada, e Pã, o deus da terra inculta. É a vitória do primeiro sobre o segundo que permite dar início ao processo de

---

<sup>18</sup> Os epítetos de Pã na *Zargueida* evidenciam traços da sua fisionomia híbrida e natureza selvagem: *e. g.*, «deus caprino», «semicapro», «bicórneo», «cornífero», «córneo», «caprípedo», «númen lascivo», «hirsuto Pã», «númen montanhês, monstro ferino», «númen de fendida pata», «deus silvano», «deus das brenhas», «deus agreste», «deus monteiro», «deus tutelar da inculta gente», «um deus, a quem nenhum culto se rende».

aculturação da Madeira. Com o apoio de Baco, a ilha desabitada é descoberta por Zarco, o luso herói, que se torna seu povoador e cultor, promovendo assim a formação do povo madeirense, o comércio, a expansão urbana e a industrialização desta nova terra, conforme anunciado nas profecias de Proteu, nos Cantos V e VI<sup>19</sup>.

Proteu vaticina «os sucessos, que estão por Leis dos Fados / Aos povos da Madeira destinados» (V, 64, 7-8). Nesta terra ainda inculta, irão prosperar as culturas do cereal, das vinhas, das «doces canas», árvores frondosas, como a «grata cerejeira», a «espinhífera cidreira», a «pródiga ginjeira», e «mil frutos diferentes nos sabores», como as «peras na grandeza portentosas», os «pêssegos raiados de mil cores», as «célebres bananas» (V, 19-64)<sup>20</sup>. Estas e outras produções semelhantes, em imensa quantidade na Madeira, não existirão nas terras lusas, pelo que serão importante fonte de riqueza e abrirão vias de um feliz comércio internacional na idade futura.

Além das culturas florescentes, Proteu profetiza ainda, no Canto VI, o povoamento da ilha pelo grão descobridor e seus descendentes. No tempo de Zarco, os lares insulares irão crescer e ser ampliados com a construção de edifícios de ingente majestade. Instalar-se-á o governo por capitánias<sup>21</sup>. A sua progénie trabalhará sempre para o progresso industrial da ilha. Proteu anuncia, entre outras revelações, a expansão urbana da Madeira e o seu desenvolvimento tecnológico e científico por parte de um ilustre descendente de Zarco:

---

<sup>19</sup> Em vez do passado glorioso de um país ou herói (a habitual analepse na tradição épica), a *Zargueida* apresenta o futuro auspicioso da ilha descoberta. A longa prolepse de Proteu constitui o núcleo do poema, ocupando um lugar de destaque na sua estrutura, ao encerrar a primeira metade (com a descrição das belezas naturais da ilha) e abrindo a segunda metade (com o desenvolvimento urbanístico do espaço insular, levado a cabo pelos descendentes do descobridor). Em lugar da analepse de âmbito nacional, a *Zargueida* oferece, assim, uma prolepse de âmbito regional, contribuindo para a definição da identidade madeirense, uma parte integrante da identidade colectiva.

<sup>20</sup> É nas longas enumerações das produções naturais da ilha, das suas árvores e frutos, em que mais se nota a influência do estilo gongórico de Manuel Tomás na *Zargueida* (Correia, 2008: 132).

<sup>21</sup> Sobre o sistema de capitánias na Madeira e os primeiros capitães-donatários, Serrão (1980: 140-144), Carita (1989: 63-83), Vieira (1994: 44-46), Silva (1995: 78-87).

Organizando fábricas, fazendo  
Reedificar as régias fortalezas,  
Oficinas esplêndidas erguendo,  
A peso de grossíssimas despesas:  
Hábeis agentes pródigo elegendo  
Para tão utilíssimas empresas,  
Fará com que a Madeira ao ar levante  
A frente mais, que nunca, então brilhante.  
  
Das ciências fará, que o ramo cresça,  
Fará com que o comércio amortecido  
Aos ares erga a túmida cabeça,  
Que a Discórdia avernal tinha abatido:  
Fará, enfim, que a ilha reverdeça,  
Mostrando ao mundo aspecto mais luzido,  
E, porque as invasões de Pã evite,  
Bardando as terras, lhe porá limite (VI, 55-56).

O combate entre o númen pampinoso e o deus caprino dá-se a meio do poema, no início do Canto V, um apoiado por Neptuno e pelos deuses marinhos, o outro comandando os Sátiros, que marcham «quais sanhudos leões, quais feras bravas», armados de troncos e penedos. Derrotado por Baco, o hirsuto Pã retira-se para as negras cavidades da sua gruta. Neste primeiro confronto armado, o filho de Júpiter conta com o auxílio das profundezas marinhas. Por sua vez, Pã, na sua cólera contra Baco e a gente lusa, desce à morada de Plutão, no Canto VIII, e de lá vem acompanhado de um exército de monstros infernais, para levar a cabo a sua vingança. A monstruosa tropa é formada de «Fúrias revoltosas», «medonhos Centauros», «malvadas rapinantes Harpias», «Górgones, e Cilas horrorosas» (VIII, 50). Enquanto os Sátiros são vencidos pela força do mar no Canto V, o exército horrendo é posto em fuga pelo poder do fogo, no Canto X<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Na primeira metade do poema: Baco e Júpiter discutem o destino da Madeira; Baco desce ao reino de Neptuno; Zarco vai a Ulisseia; e Baco derrota Pã com o poder do mar. Na segunda metade do poema: Baco e Júpiter voltam a conversar sobre o destino da Madeira; Pã desce ao reino de Plutão; Pã é derrotado pelo poder do fogo; e Zarco regressa

Zarco explora a nova terra e, contornando-a por mar, fica a conhecer os lugares da Madeira primitiva, dando-lhes os nomes por que hoje são conhecidos: o vale do Funchal, a praia Formosa, a Câmara de Lobos (X, 30-33). Cumprindo as instruções de Baco, o capitão luso deita fogo ao bosque para vencer o adversário selvagem. Perante as chamas ferinas, que rápidas se alastram por montes e vales, os monstros avernais baixam ao Tártaro, e o furibundo Pã encerra-se de novo no recinto da gruta. O incêndio, ateado por mão humana, simboliza a posse da nova terra, que se torna, assim, uma extensão da nação portuguesa.

O incêndio constitui um elemento estrutural do enredo épico: o domínio de Zarco sobre o espaço recém-descoberto concretiza-se no último canto da *Zargueida*, mas o incêndio vem sendo antecipado desde muito cedo na narrativa. É Baco quem, no Canto III (est. 51), refere pela primeira vez o incêndio da Madeira como meio de expulsar Pã da nova terra. Proteu, no Canto V (est. 20-21), e Júpiter, no Canto VII (est. 18), profetizam o incêndio como forma de punir Pã. Proteu acrescenta que o fogo atingirá o vale semeado de funchos, durará sete anos, tornará os horizontes mais puros e a terra mais fecunda. No Canto IX (est. 21-22), Baco manda Zarco incendiar os bosques. Por fim, no Canto X, Zarco e os Lusos desembarcam na praia do Funchal e lançam fogo à mata (est. 37). O fogo cresce, rápido e vivo (est. 43). Pã reconhece que Júpiter favorece Baco e os Lusitanos, e desiste da luta (est. 43-44). Depois de terem partido da ilha, os nautas avistam «um confuso clarão que o céu dourava» (est. 50), era o incêndio fatal («a flamígera Madeira»):

Era alta noite, quando os nautas viram  
Um confuso clarão, que o céu dourava,  
Ser do incêndio fatal se persuadiram,  
Pois que então pela popa lhes ficava:  
Quanto mais dele os Lusos se retiram,  
Mais crescia o clarão, mais se ateava;  
Parecia a flamígera Madeira  
Do Mongibello a imagem verdadeira (X, 50).

---

a Ulisseia. A primeira metade corresponde à preparação para a viagem de descoberta; a segunda, à realização bem-sucedida dessa viagem. As duas partes da *Zargueida* estão separadas a meio pelas profecias de Proteu, nos Cantos V e VI.

O incêndio da Madeira não é um mero artifício literário que vem consumir a conquista da nova terra e a vitória de Baco sobre Pã. Francisco de Paula Medina e Vasconcelos inspira-se nas circunstâncias históricas do povoamento da Madeira para a configuração mítica deste fogo civilizador. Segundo Silva (1995: 75)0:

Na ilha da Madeira, a primeira agressão ao equilíbrio ecológico pré-zarquino é o fogo posto à densa floresta do vale do Funchal após a chegada da expedição colonizadora de 1420 e depois a outros sítios da encosta meridional, com vista à abertura de clareiras para preparar terras de sementeira.

O grande incêndio da Madeira, amplamente documentado nas fontes históricas, estaria ligado ao uso sistemático das queimadas (ou prática do enfogueiramento) para desbravar o terreno e preparar assim os campos de cultivo<sup>23</sup>. Neste enredo que combina realidade histórica e narrativa mitológica, o herói zarguiano deixa a ilha em chamas e regressa a Ulisseia, para levar a notícia ao rei D. João I, que premeia o seu heroísmo e lhe concede a Donataria do Funchal.

No Canto IV, Zarco narra ao piloto Morales a história da fundação de Ulisseia por Ulisses, o herói industrial e facundo que, depois de ter incendiado Tróia, chegou à Lusitânia e aí edificou uma cidade<sup>24</sup>. Não é insignificante o paralelo pretendido: de contador da história de um passado mítico, Zarco torna-se, também ele, agente activo da história lusa enquanto descobridor de um novo território agregado ao reino português. O incêndio de Tróia representa a vitória do herói grego, assim como o incêndio de uma Madeira recém-descoberta representa a

---

<sup>23</sup> Foi João Gonçalves Zarco o responsável por atear o voraz incêndio, que, apesar de ter destruído uma quantidade significativa do denso arvoredo da ilha, permitiu abrir espaço tanto para o estabelecimento dos primeiros colonizadores como para a exploração dos trabalhos agrícolas (Silva e Meneses, 1998: II, 140-142; III, 435). Sobre o mito do grande incêndio da Madeira, Silva (1995: 75-77).

<sup>24</sup> No final do Prólogo da *Zargueida*, Medina e Vasconcelos identifica como autores principais dos versos citados no seu poema «o imortal Camões», «o regular Gabriel Pereira de Castro», «o nosso Píndaro português Elpino Nonacriense» (ou seja, António Dinis da Cruz e Silva) e «o insigne Bocage». Pereira de Castro é o autor do poema épico *Ulisseia ou Lisboa Edificada* (1636), que narra as viagens de Ulisses e a sua passagem pela Lusitânia, onde fundou uma cidade, que virá a ser Lisboa. O assunto desenvolvido nos dez cantos da *Ulisseia* é condensado no Canto IV da *Zargueida*. É de supor que o poema de Pereira de Castro tenha servido de fonte a Medina e Vasconcelos.

conquista do herói luso sobre as forças primordiais da Natureza indómita. Na *Zargueida*, celebra-se uma viagem de descoberta que, mediante as revelações prospectivas de Proteu, inicia um verdadeiro processo de aculturação civilizacional, uma transformação da terra inculta e agreste em terra próspera e cultivada. O descobrimento da Madeira, com o contributo fundamental do Infante D. Henrique, no plano histórico, e de Júpiter e Baco, no plano mitológico, lança Portugal para outras viagens de expansão ultramarina e para a era gloriosa de outros e novos descobrimentos.

## 5. CONCLUSÃO

Francisco de Paula Medina e Vasconcelos não terminou o curso na Universidade de Coimbra, mas sabe-se que esteve inscrito na cadeira de grego. O seu conhecimento da cultura clássica, da tradição mítica greco-latina em particular, é por demais evidente na elaboração da sua obra mais conhecida, a *Zargueida*. Várias divindades, entre as quais Júpiter, Baco, Pã, Neptuno e Plutão, que pertencem ao imaginário dos gregos e dos romanos da Antiguidade, debatem assuntos que envolvem os destinos da nação lusa. Figuras fictícias imiscuem-se, assim, na realidade histórica do século XV, impulsionando a Era dos Descobrimientos Portugueses. A chegada dos navegadores lusos à ilha da Madeira dá-se por vontade dos deuses; o subsequente povoamento e expansão urbana iniciam-se após a luta entre as facções de Baco e Pã.

O deus das brenhas representa as forças primitivas de uma região dominada por montes bravios e profusa vegetação –é esta, aliás, a razão de a nova terra ser designada por Madeira–. Lieu, por outro lado, traz a presença humana e os trabalhos agrícolas para a ilha, transformando a terra inculta em terra cultivada. O deus das vinhas assume-se, desde o Canto I, como divindade tutelar da Madeira, desenvolvendo, a partir de então, um auspicioso processo civilizacional. O númen pampinoso evidencia uma ligação fundamental à verdejante ilha pampinosa. Pelas acções que leva a cabo, Baco retira a região insular das sombras em que se acha escondida, derramando sobre ela a dourada luz da civilização.

O género épico promove a unidade colectiva, o reconhecimento identitário de um povo. Na *Zargueida*, os destinos do país decorrem da

descoberta –do desvelamento– da ilha e da formação da identidade madeirense, antevista nas profecias de Proteu, em particular na cultura do vinho, introduzida por Baco, e na sua função comunitária.

Medina e Vasconcelos alarga e adorna o enredo histórico (a navegação de João Gonçalves Zarco, as inovações tecnológicas promovidas pelo Infante D. Henrique, o sistema de donataria atribuído por El Rei D. João I, o grande incêndio da Madeira) mediante o recurso à tradição épica (a agência divina, o código heróico), elevando um feito de âmbito regional a uma gesta de carácter nacional e procurando ocupar, assim, um lugar consagrado junto do grão Camões e do grande Homero.

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALVES, Graça (2020): «Um canto à ilha da Madeira». Em Chaves, Duarte Nuno (coord.): *Questões de Identidade Insular na Macaronésia*. Ponta Delgada-Velas: CHAM, Centro de Humanidades-Santa Casa da Misericórdia, 161-165 (<http://hdl.handle.net/10400.3/6107>).
- BETHENCOURT, Francisco e CHAUDHURI, Kirti (dir.): *História da Expansão Portuguesa*. Vol. 1: *A Formação do Império (1415-1570)*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- CALDAS, Maria de Lurdes (2021): *Francisco de Paula Medina e Vasconcelos: A Vida Tormentosa de um Poeta Mação*. Funchal: Secretaria Regional de Turismo e Cultura.
- CARITA, Rui (1989): *História da Madeira (1420-1566). Povoamento e Produção Açucareira*. Vol. I. Funchal: Secretaria Regional de Educação e Cultura.
- CARITA, Rui (2016): «A Ilha da Madeira no Contexto da Expansão Ibérica dos Séculos XV-XVI». Em Gomes, Rosa Varela e Gomes, Mário Varela (eds.): *A Gestão dos Recursos Florestais Portugueses na Construção Naval da Idade Moderna: História e Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências (UNL), 61-68 (<http://hdl.handle.net/10362/50618>).
- CORREIA, João David Pinto (2008): «O descobrimento da Madeira em textos de poetas “insulares” (principalmente na *Insulana*, de Manuel Tomás, e na *Zargueida*, de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos)». Em Franco, José Eduardo (coord.): *Cultura Madeirense. Temas e Problemas*. Porto: Campo das Letras, 115-138.

- FERRO, Manuel (2011): «O Portentoso Infante “Constante, Sábio, Justo e Valoroso”: Representações de D. Henrique na Tradição Épica Portuguesa do Barroco e Neoclassicismo». Em Matos, Artur Teodoro de e Costa, João Paulo Oliveira e (coords.): *A Herança do Infante*. Lisboa: Câmara Municipal de Lagos-CEPCEP-CHAM, 173-206 (<https://hdl.handle.net/10316/101977>).
- GRIMAL, Pierre (1992): *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Ed. Victor Jabouille. Linda-a-Velha: Difel (2.<sup>a</sup> ed.).
- LIVRAMENTO, Marco Nuno de Sousa (2011): *Machim, Um Herói Fundador. Algumas notas sobre o tratamento da lenda de Machim ao longo dos tempos*. Funchal: Direcção Regional dos Assuntos Culturais.
- MATOS, Luís J. Semedo de (1998): «A Navegação: Os Caminhos de uma Ciência Indispensável. O curso, o comércio do Mediterrâneo e a passagem para o norte da Europa: as escolas de navegação dos portugueses». Em Bethencourt e Chaudhuri (1998: 72-81).
- RILEY, Carlos (1998): «Ilhas Atlânticas e Costa Africana». Em Bethencourt e Chaudhuri (1998: 137-149).
- SARAIVA, José Hermano (2006): «No Segundo Centenário da *Zargueida*». Em *A Alma e a Gente* [Programa televisivo]. RTP Arquivos (disponível *online*: <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/no-segundo-centenario-da-zargueida>>, consulta: 26 de maio de 2025).
- SEAFORD, Richard (2006): *Dionysos*. London-New York: Routledge.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1980): *História de Portugal*. Vol. II: *A Formação do Estado Moderno (1415-1495)*. Lisboa: Editorial Verbo (3.<sup>a</sup> ed., revista).
- SILVA, Innocencio Francisco da (1859): *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo III. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, José Manuel Azevedo (1995): *A Madeira e a Construção do Mundo Atlântico (Séculos XV-XVII)*. Vol. I. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico-Secretaria Regional do Turismo e Cultura.
- SILVA, P.<sup>o</sup> Fernando Augusto da e MENESES, Carlos Azevedo de (1998): *Elucidário Madeirense*. Vols. II e III. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura.
- VASCONCELOS, Francisco de Paula Medina e (1806): *Zargueida, Descobrimento da Ilha da Madeira, Poema Heroico*. Lisboa: Of. de Simão Thaddeo Ferreira (<https://purl.pt/14506>).
- VIEIRA, Alberto (1994): «O Infante e a Madeira». *Mare Liberum: Revista de História dos Mares*, 7, 31-63.

VIEIRA, Alberto (2003): *A Vinha e o Vinho na História da Madeira: Séculos XV-XX*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico.

VIEIRA, Alberto (2020): «Será o arquipélago da Madeira no século XV a primeira etapa da globalização?» Em Franco, José Eduardo e Caetano, João Relvão (coords.): *Globalização como Problema: Temas de Estudos Globais*. Coimbra: UC, 93-128 (<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1984-2>).

Rui Carlos FONSECA  
*Universidade da Madeira*  
*Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa*  
rui.fonseca@staff.uma.pt  
<https://orcid.org/0000-0002-0016-0763>

